

Descobre-se de repente que num país carente de investimentos as empresas estão correndo para conservar suas caixas em aplicações consideradas como especulativas, entre as quais o *overnight*, o ouro ou, até mesmo, o dólar paralelo. Este é bem o caso no qual os campos devem ficar bem definidos: é preciso saber quais são os economistas que querem matar o mercado que absorve esse dinheiro, e quais são os economistas que querem corrigir as causas que provocam essas distorções.

A confusão existente hoje no Brasil abre generosamente as portas para a retórica dos economistas que querem matar o mercado, por um motivo muito simples: é aí que se concentra a mais vigorosa resistência ao controle do país pela burocracia, abrindo as portas para mais estatização, ou, simplesmente, para o tipo da economia corporativa onde convivem estatizantes e defensores de cartórios ou reservas fechadas de mercado.

É preciso muita clareza para distinguir esses interesses escondidos sempre que se critica as empresas porque dormem com suas caixas no *overnight*. Onde iriam elas preservar seu capital contra uma inflação que beira os 20% ao mês? O dirigente financeiro, hoje, que não for um perito em giro de caixa, está despedido na manhã seguinte. Nenhuma empresa consegue sobreviver com uma inflação de 20%, se o seu capital de giro é corroído pela falta de cobertura com todos os mecanismos existentes.

O que os economistas defenestrados pelo fracasso do Cruzado insistem em esconder é a natureza maligna do déficit público, o inchaço do governo, e o bem que se faria a este país se o mega-Estado tivesse seu tamanho reduzido atra-

vés de amplos programas de democratização e privatização de empresas públicas. Certamente a fonte geradora do déficit seria extinta, ou reduzida.

As empresas, na verdade, aplicam seus recursos no *open* porque alguém está tomando esse dinheiro emprestado. E quem toma o dinheiro emprestado é o governo, para cobrir o déficit público. O que é preciso ficar bem claro é qual a estratégia para reduzir a demanda de dinheiro pelo governo. Se o governo emitir menos títulos públicos, o dinheiro irá procurar outras aplicações, reorientando seu fluxo para o investimento produtivo.

O Brasil esqueceu um princípio elementar que é o custo da oportunidade. Nenhum empresário quer se comprometer com investimentos a longo prazo, em meio a uma Constituinte que não acaba, que patina na ordem econômica, que ameaça puxar o país para trás. A grande realidade demonstrada por pesquisas recentes é que o parque industrial brasileiro está ficando obsoleto. As indústrias não estão podendo se modernizar, tantas são as barreiras levantadas por leis, regulamentos e limitações pseudonacionalistas. Esse ambiente leva o empresário a medir o custo da oportunidade e o retorno do investimento a longo prazo numa linha de montagem — com todos os problemas de administrar equipamentos e mão-de-obra — ou o retorno que se pode obter no giro financeiro.

O que muitos economistas insistem em visualizar é apenas o lado adjetivo desse problema. Do substantivo, esquecem, certamente porque no fundo de seus corações e mentes querem impor ao país o arcaico modelo concentrador e estatizante.